

RETALHOS DA PSICOLOGIA SOCIAL: REFLEXÃO PRELIMINAR SOBRE SEU SURGIMENTO E ATUALIDADE

Nilton Soares Formiga

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba. Doutorando na mesma universidade.
Docente na Universidade Estadual da Paraíba como professor substituto

Email:
nsformiga@yahoo.com

RESUMO

Discorrer a respeito do surgimento de uma ciência ou teoria não é algo tão simples. Diversos elementos os compõem a fim de oferecer de forma clara motivos que as levaram a acrescentar ou modificar completamente as formas do pensamento científico, e até, social. Obviamente existem grandes manuais teóricos e epistemológicos que, atualmente, tem ocupado esse espaço da psicologia social de forma complexa e magnífica para aquele estudante e pesquisador da área. Longe de ser uma novidade, o objetivo do presente artigo trata-se de avaliar, de maneira simples um rápido levantamento bibliográfico sobre a evolução da construção histórica e filosófica da psicologia social.

Palavras-chave: Psicologia social, ciência humana, epistemologia

1. INTRODUÇÃO

A evolução da construção histórica, filosófica ou sociológica das ciências sempre se mostrou carregada de antinomias, adotando concepções tanto de teor deterministas quanto relativistas, relacionando a compreensão dos fenômenos quanto a sua formação e permanência ou a ideologia (pessoal ou cultural) - se é que assim pode ser chamado - saliente no período em que essas construções, teóricas e empíricas, foram defendidas (Chalmers, 1993; 1994; Omnès, 1996).

Estando o conhecimento científico, bem como, o de senso comum, inserido no contexto social e individual, seja devido a crença do próprio cientista¹ ou indolência dos seus experimentos (Santos, 1999) dificultando um alicerce para o avanço da história da ciência (por exemplo, o caso de Giordano Bruno, Galileu, etc.) - a qual ocorreria, sob variações das mais

¹ Exemplo disto é o caso de Einstein; ele não acreditava na concepção da Física Quântica.

diversas a fim de garantir credibilidade e divulgação da teoria e seu empirismo – estes poderiam levar-nos a refletir com Engels, quando considera que homem e natureza transformam-se a si mesma, sendo capaz de criar novas condições naturais de existência (Rovighi, 1999), ocorrendo algo semelhante entre ciência e sociedade.

Sendo assim, ao atribuir que a constituição das teorias científicas, sob esse prisma, não se deveria a uma relação com as ideologias sociais e não mais a um mito da neutralidade científica (Penna, 1997; Penna, 1975), não estaria desta forma, sendo utilizadas para a permanência do poder de certos grupos científicos e sociais (por exemplo, o caso de Jerrold Oppenheim e a bomba atômica)? E se assim for, tal estado da ciência deve-se apenas a “observação adequada” dos fatos, as quais serão postos a prova, afim de que se percebam as alterações das observações, a partir da construção de um modelo interpretativo, relacionando-se ao que no momento interessa-lhes social e cientificamente – de acordo com o paradigma em questão.

Com isso, é compreensiva a reflexão de Prigogine e Stengers (1992; 1987), quando afirma que os cientistas não estão totalmente afastados e livres de seus experimentos, pois, além de se envolverem com seus estudos (visando, reconhecimento acadêmico, social e econômico) tornam-se participativos de um universo cultural e lingüístico envolvendo os próprios projetos, dos seus grupos e da sociedade. Afinal, a experiência visual e concreta do observador, na sua interpretação dos fatos, vai depender tanto da experiência passada quanto do conhecimento e expectativas (Chalmers, 1993; 1994) que esta possa garantir um lucro social e econômico.

Então poderiam eles recorrer ao anarquismo de Feyrabend (1977)? O qual defendia a ciência como uma questão de gosto ou atitude. Talvez! Estou de acordo que tal anarquismo quebra apenas a concepção de universalismo científico, mas:

“não discrimina, apesar de minar as explicações ortodoxas do método científico, o restante das opiniões estéticas, opiniões de gosto, preconceitos metafísicos, ânsias religiosas, isto é, nossos anseios subjetivos.” (p. 17-18)

Desta forma, vale destacar que as diferenças em que o ser humano é moldado pela sociedade é muito mais complexa porque, por trás dela, existe as diferenças culturais, sociais e históricas (Chalmers, 1993; 1994). Na verdade deve-se tomar o cuidado de não procurar a chave perdida da porta de casa apenas em uns pequenos centímetros de raio da luz iluminado pelo poste, bem como, não buscar esse mito adâmico² do conhecimento.

Comparável ao que acontece nas ciências exatas, biológicas, etc., os estudos em ciências humanas têm buscado explicar o fenômeno da dicotomia *Indivíduo versus Sociedade* ou

² Uma espécie de comparação entre A origem do Homem em Adão e a o conhecimento como origem zero.

Sociologismo *versus* Psicologismo, ou mesmo, da teoria personalista - modificar a história dependerá da vontade e força das pessoas - a teoria naturalista - a mudança deve-se ao contexto cultural (Kneller, 1980; Outhwaite & BottoMore, 1996; Pervin & John, 2004). Qual a melhor maneira de explicar a construção do conhecimento científico e do indivíduo e seu comportamento na sociedade?

É aqui que então pretendo refletir a respeito da Psicologia Social. Pode-se pensar no surgimento da Psicologia Social em termos de explicações que abarcassem uma maior parte da realidade social vigente? Não por ter as outras ciências – antropologia, etnologia, história, sociologia, etc. - como incapazes de explicar os fenômenos sociais, mas, junto a elas, poder compreender a realidade, social e individual, ou ambas, vivida pelo ser humano. Concretamente, na Psicologia social, essa dicotomia vem se concentrar, por um lado, na sociologia, a qual apresentava uma abordagem macrossocial – como também, microssocial, porém, tendo seus objetivos nos fenômenos coletivos (Dupuy, 2001) - para estudar os fenômenos sociais, por outro lado, a psicologia investia em algo microssocial, especificamente, o comportamento.

Embora, tanto uma quanto à outra, poderiam responder, a partir de sua perspectiva alguns fenômenos específicos, por exemplo, a agressão – o qual a sociologia considerava parte da estrutura social, em que tanto a dimensão política, econômica e institucional seria responsável. A psicologia enfatizava estes fenômenos a partir das disposições internas, como é o caso da teoria da frustração-agressão de Dollard, Miller e cols, ou a fatores de aprendizagem, etc. (Guiddens, 2005; Gazzaniga & Heatherton, 2005).

Neste sentido, percebe-se a existência de uma lacuna quanto às explicações entre indivíduo e sociedade e os fenômenos que abarcavam maior complexidade, principalmente, quanto à compreensão dos comportamentos dos indivíduos, em termos do adquirido ou inato. Com isso, se deu então a necessidade de buscar um novo caminho. Apesar de ter claro essa necessidade, o desenvolvimento da psicologia social passou pelo *cadinho da ciência*, o qual pretendia não somente compreender os fenômenos sociais – agressão, preconceito, rumor, etc. – mas, elaborar técnicas e instrumentos capazes de mensurar estes fenômenos. A partir dessa perspectiva a psicologia social vai apresentar um grande desenvolvimento, captando a realidade humana e sua complexidade social em termos da avaliação e predição comportamental.

Semelhante ao problema ocorrido nas ciências de um modo geral, tanto no diz respeito a (des)neutralidade da pessoa na teoria e experimento, quanto a tentativa de eliminar o fantasma da internalidade e externalidade explicativa dos fenômenos sócio-humanos esse dilema também faz parte do desenvolvimento da psicologia social trazendo períodos de grandes crises – teóricas e metodológicas - pois não somente precisaria definir seu objeto de estudo, mas também, o que de fato era e o que tratava tal ciência.

O fato das ciências sociais e humanas expandirem e inserir-se em um hibridismo teórico e metodológico, desembocaria também em problemas metodológicos (se os fenômenos seriam

explicativos ou compreensivos). Sendo assim, na psicologia social, era necessário definir um marco que alicerçasse o surgimento dela, pois se encontrava diante de pólos opostos e de profundas rixas teóricas, o que parece estar sempre presente na constituição de qualquer ciência, não sendo diferente para a psicologia social. Destaque maior disto será o debate entre G. Tarde e E. Durkheim (Vala, 1993).

Por um lado, segundo Vargas (2000), G. Tarde, critica à reificação dos sujeitos coletivos e à naturalização dos fenômenos macrosociais, isto é, da ortodoxia durkheimiana. Enquanto, Durkheim buscava resolver os problemas sociais e morais da sociedade francesa, a partir de definições e critérios científicos hegemônicos - racionalismo, rigor metodológico, objetividade, especialização – com fins de demarcar fronteiras disciplinares, levando Durkheim a distanciar-se da psicologia, da filosofia e da literatura, passando a construir uma zona ontológica e transcendental específica do social. Por outro lado, a perspectiva anti-dogmática de G. Tarde, rompe com a dicotomia livre-arbítrio/determinismo durkheimiano, vindo a afirmar que cada ordem de determinismo é fortuitamente interventora uma sobre a outra, originando o que ele passou a chamar de encontros-acidentes, responsáveis por disseminar as diferenças.

Enfim, é esse estatuto ontológico do indivíduo em Durkheim que G. Tarde duvida, pois, para ele, o sujeito assume na sociedade uma plasticidade humana, isto é, não interessa a liberdade do indivíduo, mas, a realidade deste – que pode até ser a liberdade ou outro construto qualquer - no social. O fato é que quanto mais elementos sociais se socializam, mais, a individualidade se acentua e se desenvolve (Barberis, 2004), o que G. Tarde faz é desnaturalizar as semelhanças sociais.

Assim, dada a ampla configuração que as ciências humanas e sociais têm alcançado na atualidade, especialmente, o seu contexto multidisciplinar e a impossibilidade de uma abordagem linear no que diz respeito ao desenvolvimento epistemológico da raiz dessa ciência, é tautológico, direcionar-se por esses caminhos buscando uma configuração da psicologia social e seus antecedentes.

Esses antecedentes sempre existiram, mas, não se deve compreender seu desenvolvimento em termos de finalidade histórica; porém, algo parece ser universal entre os cientistas das sociais e humanas, com o foco em psicologia social: a existência de um compartilhamento teórico e metodológico entre psicologia e sociologia, e muito mais, o próprio processo da compreensão e sustentação destas ciências quanto ao seu reconhecimento acadêmico, científico e social fundador da Psicologia Social (Morales, 1994).

Pode-se pensar no surgimento da Psicologia Social em termos de explicações que contemplassem uma maior parte da realidade social vigente, compreendendo a realidade social e individual, bem como, ambas, ocorrendo na relação – interdependente - do sujeito-objeto ou indivíduo-sociedade. De acordo com o que foi discutido acima, enquanto a sociologia apresentava uma abordagem macrosocial para estudar os fenômenos sociais, isto é, sociológica,

coletiva, grupos, instituições, etc.; a psicologia investia no micros social – psicológica, individual, comportamental, experimental, etc.; sendo assim, os teóricos da psicologia social notaram uma fissura nas explicações científicas entre indivíduo e sociedade, o que levou as críticas sobre essas ciências e reflexões a fim de estabelecer espaço para a “nova ciência”: A Psicologia Social.

Esse fato permite trazer a tona uma reflexão de Deschamps (1989), ao considerar que a psicologia social apresenta uma dupla referência: primeiro pelo interesse em como o indivíduo constrói a realidade social na qual vive – o dilema *indivíduo versus sociedade*; segundo diz respeito à perspectiva teórico-metodológico utilizado pela sociologia e psicologia, o qual a psicologia social trata de unificá-los. O fato não diz respeito à diferenciação entre a sociologia e psicologia, afinal de contas *toda psicologia é social*, o que se pode conceber é que ambas foram base para o desenvolvimento inicial dessa ciência, servindo de compensação para as forças dominantes da época (Farr, 2004). É sob a égide desse dilema que a Psicologia Social se encontrará em um período de grande crise, pois não somente precisaria definir seu objeto de estudo, o ponto de vista metodológico, como também, a aplicação e profissionalismo desta ciência (Clemente, 1992).

À medida que evoluía a ciência, particularmente as humanas e sociais, seja devido à necessidade do êxito que elas deveriam ter com intenção da fundação de departamentos específicos nas universidades americanas ou européias, seja na busca de limites e identidades em seus estudos (delimitação dos temas a tratar, com a utilização de técnicas e teorias fidedignas), a Psicologia Social foi incitada a seguir um caminho semelhante. Porém, algo parecia ser bem mais complexo quanto ao problema da análise e explicação do comportamento humano – mas, comportamento humano social - para essas ciências, pois o ser humano não está sujeito a regularidade do mundo físico, e sim, encontra-se numa transformação constante, tanto histórica quanto cultural na sociedade (Álvaro, 1995). Se assim acontece, como definir a psicologia social? Principalmente, uma definição que contemple outras variáveis mais complexas, bem como, que se afaste do conceito da psicologia e da sociologia.

Apesar de alguns estudos se mostrarem importantes quanto ao passado histórico e científico da psicologia social, como é o caso da *Volkpsychologie* de Wundt e psicologia das massas de Le Bon, caracterizando uma psicologia da sociedade - porém não compreendida como ‘social’ - e sua fundamentação empírica. Nesse contexto ainda não se buscava uma conceituação desta ciência (ver Álvaro, 1995; Torregrosa, 1984; Morales, 1994). No final do século XIX, onde pululam essas teorias e metodologias, tal perspectiva enfatizava apenas diferenciações e preocupações para a psicologia social, por exemplo: 1 - uma disciplina nova que deve estudar o indivíduo e seus processos intra-individuais e 2 – faz-se necessário centrar no papel que o contexto sócio-estrutural desenvolve diante dos processos individuais. Desta maneira, caberá a F. Allport (1924), o papel de promover tal definição, tanto mais moderna e abrangente quanto batizar tal ciência; fato esse que vai estigmatizá-lo como fundador dessa ciência. Assim, define-a como:

“A ciência que estuda o comportamento do indivíduo na medida em que sua conduta estimula outros indivíduos ou é em si mesma uma reação desta conduta” (Allport, 1924; ver também, Hewstone, Stroebe, Codol & Stephenson, 1990).

Essa definição proposta por F. Allport responde a **primeira crise** dessa ciência, a identificação teórica, como também, avança em termos da explicação do comportamento humano, saindo da perspectiva reducionista, a qual procurava responder o problema dos fenômenos coletivos a partir do indivíduo e apresenta-a como um fenômeno caracteristicamente americano (Farr, 2004). Considerar que a psicologia social tem seus alicerces nos EUA parece ser bem compreensível, devido a dois motivos: 1 - o clima social e científico do pragmatismo vivido após a Segunda Grande Guerra e 2 - a grande migração dos cientistas austríacos, alemães e judeus para os EUA, trazendo a teoria da Gestalt.

Apesar disso, deve-se observar que estes estudos colocam a margem a ênfase social, dedicando-se fortemente ao experimentalismo. Por outro lado, a Europa começa a ser destaque no campo da Psicologia Social, logo após a Segunda Guerra, esse fato diz respeito à possibilidade de construir essa ciência mais social, a qual enfatizasse os aspectos sociais, sem também desconsiderar o indivíduo na sociedade, desta forma, surge uma preocupação pela análise psicossociológica (Álvaro, 1995). Não por ser novidade, mas, perspectiva esta trazida da antropologia e etnologia, preocupadas em compreender a interação entre os povos primitivos.

Com isso, surge uma **segunda crise** na psicologia social, o que importava era saber que metodologia utilizar: *experimental* ou *correlacional*. São os resquícios do conflito da psicologia social americana e europeia. Mas, para que uma ciência, em seu início, tenha sua validade e confiabilidade faz-se necessário seguir uma linha epistemológica, a fim de compreender seu progresso e melhoramento teórico e metodológico, principalmente a partir do momento que se responde alguns aspectos técnico-científicos. Assim, essa ciência se orienta no caminho filosófico e histórico científico de Lakatos, Popper, Khun e Feyerabend (Clemente, 1992).

O que importava de fato, segundo Munné (1993), era responder a limitação da perspectiva comportamental, a excessiva busca de precisão e objetividade – influência positivista e das ciências naturais (Farr, 2004). Outro fator desta segunda crise diz respeito à sofisticação metodológica (Hewstone, Stroebe, Codol & Stephenson, 1990), a qual era acompanhada da relevância e significação social do estudo proposto, o interesse estava em olhar os problemas sociais e contribuir para sua solução, o que irá acontecer na década de 80, com o surgimento da psicologia social aplicada (Munné, 1993).

Solucionado as primeiras crises, começa a se questionar quanto à *práxis* ou aplicação que o psicólogo social teria das suas pesquisas e intervenções, desta forma, coloca-se esse profissional e cientista diante de uma pergunta clássica: “o que fazer com todas as teorias e

experimentos?”. Seria iniciada, **a crise atual da Psicologia Social**. A utilização da produção teórica de cada cientista, o que e como fazer para aplicar – teoria e metodologia – na sociedade é um questionamento que busca responder os fenômenos vividos pelos indivíduos profundamente. Afinal a sociedade é uma rede comunicativa que ao ser conturbado é sentida como um todo e não em um espaço isolado.

De fato, qual o papel do psicólogo social? O grande problema desta **terceira crise** ou **crise atual** está na consideração, não somente da validade e segurança que uma boa metodologia e teoria podem trazer, mas, chamar atenção para, conjuntamente, o não determinismo da sociedade e do homem, bem como, da necessidade de uma interdisciplinaridade. O fato é bem consciente, uma ciência, especialmente as humanas e sociais, não conseguem responder a todos os problemas humanos de uma vez, assim cada interação, por pequena que seja, com outra ciência trará uma imprescindível contribuição para compreensão da estrutura e dinâmica social e individual, obviamente, não a separando, levando-as a se assumirem ética e politicamente com a sociedade em geral (Íñiguez, 1994; Íñiguez, 2000; Garay, Iñiguez & Martínez, 2006; ver Latour & Woogar, 1997).

Tais crises, por mais polêmicas que sejam, foram e são consideradas de extrema importância para essa ciência - e qualquer outra - principalmente pela busca de explicações mais abrangentes, por não desconsiderar fatores históricos, culturais e a complexidade das variáveis a ser estudada capaz de influenciar a construção das idéias e a transformação do social (Gergen, 1973). Esses encontros e desencontros na psicologia social favorecerão a categoria tão fácil, e ao mesmo tempo, do difícil caminho da ciência: a *parcimônia*.

Com esses delicados problemas na psicologia social, principalmente, porque se buscava uma melhor compreensão e parcimônia para a institucionalização desta ciência, atualmente, tende-se a aprofundar uma perspectiva quanto à base da psicologia social, não se concentrando apenas no “*big bang*” de seu nascimento (Farr, 2004), mas, ao que deu força e fundação para suas teorias. Sabe-se que nem todos os pesquisadores durante o início da psicologia social eram psicólogos, especificamente, psicólogos sociais, e hoje, sabe-se muito mais, que a dicotomia indivíduo e sociedade é o ponto máximo que se pretende responder, particularmente, quanto aos problemas sociais que surgem a partir de sua intervenção psicossocial (Jacinto & Ortiz, 1997).

Para Álvaro (1995), conceber uma psicologia social hoje, faz-se necessário considerar não somente a condição do que acontece com o indivíduo, mas também, com a sociedade. Da mesma forma que existem muitas realidades, há também, muitos indivíduos que a percebem de diferentes perspectivas. Assim, verdade ou mentira cai por terra, considerando à realidade conjecturas da mente do próprio indivíduo – ou de todos nós - o qual pode salientar que o mundo existente é apenas o que cada pessoa tem consciente – economicamente consciente - sócio-perceptivamente nas suas relações.

Desta maneira, conceber a psicologia social em termos da diferenciação entre o pensamento europeu e americano, não é somente contrapor dimensões – social ou individual - e até sua metodologia – qualitativa ou quantitativa (Collier, Minton & Reynolds, 1996), bem como, considerar contextos históricos e ideológicos surgidos durante o desenvolvimento científico das ciências de um modo geral. Essa identidade da psicologia social tem sido compartilhada com diversas disciplinas e teorias sociais, comportamentais, biológicas, etc., não deixando perceber uma diferença quanto a investigação entre essas ciências (Gergen & Graumann, 1996). Supõem-se, atualmente, duas variantes como a melhor forma para compreender tanto a identidade quanto o desenvolvimento da psicologia social, a saber: psicologia social psicológica - PSP - e psicologia social sociológica - PSS.

O fato importante é que essas variantes não tratam apenas da diferença entre sociologia e psicologia social, essa lacuna, para Manicas e Secord (1983) já está solucionada, o que interessa é forma avaliativa que elas oferecem para abordar os fenômenos sociais: a primeira – PSP - focaliza as estruturas produzidas pela dinâmica humana, enquanto relações de práticas duradouras, como estruturas das instituições sociais e a engrenagem com outros aspectos da sociedade; a segunda – PSS - foca a interação entre os indivíduos, as instituições sociais e em como se relacionam com estruturas sociais maiores, seus compromissos e atividades sociais como podem ser descritos e analisados do ponto de vista do pesquisador.

Porém é crucial para entendê-las que, o indivíduo não se constrói no vácuo e muito menos a sociedade (Elias, 1994; Moscovici, 1985) isoladamente. Tanto a incessante busca do conceito e experiência em uma ciência (neste caso, a psicologia social) com suas leis universais ou relativas, têm feito com que estudiosos da área negligenciem essas análises históricas e sociais (Omnés, 1996; Akoun, 1983), especialmente, quanto ao desenvolvimento destas ciências vida a fora (Latour, 2000; Latour & Woogar, 1997); como também, por existir um vislumbre da incerteza teórica e metodológica que a psicologia social tem vivido, não por simples dimensões epistemológicas, mas, devido a queda positivista a qual protegia esse futuro, neste caso, o de uma psicologia social que não se limitasse apenas a descrever uma realidade de fora do indivíduo senão que fosse capaz, também, de construí-la interdependentemente (ver Ovejero, 1999; 2000).

Esse é um fato de grande importância. Na defesa de Álvaro (2001), não é quanto à desvalorização da psicologia social, e muito menos, no que diz respeito aos erros teóricos e metodológicos, isto é, o dilema de não está estudando psicologia social, e sim, sociologia ou psicologia. Tal problema, apenas apresenta uma divisão entre concepções, sobre o comportamento humano refletindo os primeiros manuais de psicologia social.

Frente a essa condição, aponta-se para a frase chave e clássica mencionada pelos psicólogos brasileiros, influenciado pela concepção e significado teórico do pensamento de Silvia Lane, o de que *toda e qualquer psicologia é social*, porém, a grande questão é quanto às teorias desenvolvidas em seu entorno. Por exemplo, apesar de existir nas primeiras décadas do século XX um clamor para que a psicologia social ‘mostre a sua cara’, o qual se tornou um discurso

eruptivo sobre o objeto de estudo da Psicologia Social. Nos EUA e Europa, se por um lado, W. McDougall defendia que, nesta ciência, o comportamento deve ser explicado pelos instintos considerado componente emocional e que o meio social era secundário; por outro lado, E. Ros considerava que o comportamento humano era determinado pela sugestão, imitação etc., para ele a psicologia social se ocupa das uniformidades referentes às causas sociais, devido às interações mentais, a qual faz parte da sociologia. Se para o primeiro – McDougall - o que interessa é a explicação do comportamento humano a partir dos instintos, para o segundo – Ros – o interesse estava em estudar as causas e as condições que fazem o indivíduo um ser social (Vala,1993; Hewstone, Stroebe, Codol & Stephenson, 1990).

Concepções semelhantes podem ser encontradas em Le Bon, Tarde, Durkheim, porém esse debate apresentará três pilares para esse estilo de psicologia, constituinte do paradigma dominante da época: 1 – *a concepção condutivista* – iniciado com Allport na psicologia social, o qual defende ser de extrema importância para esta ciência quanto ao estudo descritivo da consciência, modificado com o desenvolver da psicologia social como ciência; 2 – *o caráter individualista* – Allport avança nos estudos da psicologia social e considera que a importância no grupo, é a sugestão, pois facilitará tanto as respostas dos indivíduos quanto liberação de impulsos ou tendências pré-existentes; 3 - *o experimentalismo* – Allport defendeu tal procedimento, o qual enfatizava os processos individuais, porém, com críticas quanto a sua insuficiência em responder situações mais complexas (Hewstone, Stroebe, Codol & Stephenson, 1990).

Apesar de um caminho já delineado para a sustentabilidade da Psicologia Social como ciência, o fato dessa concepção da psicologia social, atualmente, é quanto a análise dos fenômenos. Parece ser um dilema constante a questão indivíduo *versus* sociedade, a solução está quanto os seus matizes teóricos. Mesmo concebendo uma psicologia social que abordasse a construção do sujeito, seja inata ou aprendida, ainda se reflete neste contexto sob a influência de F. Allport, uma psicologia social individualista – psicológica - a qual centrava no indivíduo tanto os problemas quanto soluções dos fenômenos sociais.

A vertente da psicologia social sociológica, apesar se encontrar em alguns estudos experimentais, pode ser considerada como psicossociologia, trazendo reflexões quanto a indissolubilidade entre o indivíduo e o coletivo. Enquanto a sociologia procura estudar os fenômenos sociais, não apenas colocando de lado fatores individuais ou psicológicos, mas, se auto-incluindo nos fenômenos. Essa perspectiva da psicologia social, busca desenvolver uma psicologia menos individualista, mais filosófica e epistemológica, consciente da história e com uma metodologia onde o método era o meio e não o fim assumindo como uma ciência voltada mais para o social. O objetivo da psicologia social sociológica trata-se de estudar a realidade social tendo em conta a interação de fatores sociais e individuais.

Essas duas perspectivas, segundo Álvaro (1995; Álvaro & Garrido, 2007) vêm trazer novas reflexões para a psicologia social e o caminho que ela tomou desde Wundt e Allport, principalmente, quanto ao termo - *psicologia social* – não ser uma especificidade da psicologia e

muito menos da sociologia. Desta maneira, pensar em um vínculo da sociologia e psicologia como formadora da psicologia social não é suficiente, e muito menos, deveria tratá-las quanto a tradição de pensamento, se sociológico e psicológico, mas sim, concebê-la psicossociologicamente.

Se pensarmos como sendo unitárias, compreendendo-as como duas disciplinas distintas em uma mesma ciência, a qual existe separação apenas em termos didáticos e pedagógicos, aponta-se para uma fissura reflexiva quanto a construção da realidade social. Essa condição permite pensar o conceito de psicologia social como uma ciência que estuda a influência entre os indivíduos, considerando a interação social, e do processo cognitivo gerado por esta interação.

Apenas como adendo, é possível refletir nesta perspectiva da psicologia social – *a sociológica* - a existência de diversas teorias sociológicas como composição de psicologia social, por exemplo: o interacionismo simbólico (a principal teoria dessa perspectiva); o enfoque dramaturgico; intercambio social; etnometodologia, e recentemente, o debate de Arendt (2003) sobre o Construcionismo, o qual busca dar conta das construções que os indivíduos elaboram coletivamente, e o, Construtivismo, defensor da construção das estruturas cognitivas que o indivíduo elabora no decorrer do seu desenvolvimento e sua importância para a construção tanto da psicologia social psicológica e sociológica, quanto ao que chama de psicologia social pós-moderna.

A título de esclarecimento essas propostas teóricas de Arendt (2003), apontam para os princípios conceituais da filosofia pós-moderna, a saber: crítica ao acesso possível a uma realidade independente do indivíduo, rejeição de um enfoque cartesiano de investigação científica fundado no rigor e na objetividade. O que de fato, esse autor pretende é refletir em termos da não redução explicativa, tanto para o social quanto para o indivíduo na psicologia social, concepções essas, que se assemelham as explicações teóricas e metodológicas de W. Doise com sua psicologia societal (Doise, 2002).

A perspectiva pós-moderna surge em meio de enormes controvérsias, defendendo posturas neoconservadoras e reacionárias, individualismo e niilismo, etc. É Lyotard (2000) quem inicia tal polêmica e esperança atingindo os mais diversos campos da sociedade – das artes a ciência - propondo a (dEs)ordenação das delimitações clássicas da ciência, o não-cartesianismo, não-kantismo, etc., o que também, vem influenciar a psicologia social atual.

A proposta diz respeito à resposta as exceções à regra, isto é, o que foge a explicação científica, não em termos da racionalidade e ideologia política, e sim na crença de uma linguagem possuída pela natureza que seria capaz de ser apreendida e aprendida a fim de orientar o destino dos seres humanos, fazendo-se necessário uma linguagem universal para a humanidade. Para Lyotard (2000) não faz sentido, atualmente, na filosofia e ciências humanas, o desenvolvimento de uma forma científica que compreenda a sociedade e as relações humanas

dentro delas, isto tem se mostrado já bem saturado e desgastado (Lemmer, 2000; Guiddens, 1991).

Desta maneira, o que isto tem haver com a psicologia social? O simples fato de não ser mais possível considerar a Psicologia Social isolada no mundo em que ela se move ou da consequência de seu radicalismo quanto uma tradição teórica (marxista, anarquista, etc.); o pós-modernismo, supõe o fim desses pensamentos, pois seus fundamentos caíram, com isso surge, ainda nesta perspectiva, a psicologia crítica; o que se pretende com elas é contestar algumas das bases da psicologia. A questão principal diante de tudo isso, reporta a uma reflexão: depois de responder todas as questões científicas, os problemas da vida permanecem intactos? Concepção essa que parece próxima a concebida por Ilia Prigogine (1996), ao afirmar que o paradigma clássico da ciência é aplicável, apenas aos casos simples, os mais complexos ficam de fora. No caso da psicologia social: responder aos elementos psíquicos ou sociais dos fenômenos humanos, não parece ser um problema, o complicado é responder à dinâmica da interação social do fenômeno societário desses problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretende refletir neste texto é quanto seu caráter paradoxal do homem como construtor do seu meio e sua subordinação a ele, e que, tal realidade se deve aos significados surgidos da experiência individual e da interação social. O que tal perspectiva trará como algo novo para a psicologia social é quanto a superação da interpretação extrema, apontado para algo próximo ao destacado por Alexander (1997; Giddens & Turner, 1996): a necessidade da multidimensionalidade reflexiva e superações entre ação individual e sistema social, macro e micro, psicológica e sociológico, etc. Desta forma, segundo Ovejero (2000), para psicologia e psicologia social tradicional o importante é o indivíduo e dele deriva-se a interação social e a própria sociedade vislumbrando um indivíduo com limites determinados, sendo assim, mais uma ficção do que algo real.

O indivíduo não pode ser separado da sociedade da qual ela faz parte e vice-versa, a não ser em termos didático-pedagógico, ambos – indivíduo e sociedade - são conceitos inextricavelmente unidos. De acordo com Camino (1996), o sujeito quando se adapta aos grupos – e refiro-me a qualquer grupo - o faz de forma dinâmica e ativa socializando-se e ao mesmo tempo participando de outros grupos, ambos construtores dessa realidade social.

Por fim, essas perspectivas da psicologia social, se tomar como condição do desenvolvimento científico, ao considerar o debate entre modernismo e pós-modernismo, é possível refletir na direção do pensamento de Arendt (2003), em termos de duas ordens de desequilíbrio, frente ao realismo clássico: “enquanto a cultura modernista procurará desestabilizar a racionalidade iluminista da identidade burguesa, o pós-modernismo pretenderá

desorganizar a sociedade e economia capitalistas. Modernismo e pós-modernismo poderiam ser compreendidos como processos com formações específicas, a primeira caracterizada pela diferenciação cultural, a segunda caracterizada por sua des-diferenciação”

Estas condições, ainda segundo Arendt (2003), incluiriam o círculo hermenêutico, entendido como um "círculo da compreensão", com o qual poderia compreender o todo somente a partir do individual e o individual apenas a partir do todo. E como poderia ocorrer isto? Para o autor, não é possível uma resposta neste momento, se a relação entre o todo e os elementos individuais fosse vista como uma oposição externa. Se reconhecermos a unidade das condições, de lado a lado, torna-se possível que eu conheça o individual através do todo e, ao inverso, o todo através do individual. Nesse sentido, o círculo da compreensão seria então caracterizado como dois momentos coincidentes que não se reduzem um ao outro, que apenas se autorizam permanecer juntos (Tietz, 1999, citado em Arendt, 2003). Tal referência teórica abre mais um caminho para solucionar o impasse acima descrito entre indivíduo e sociedade.

Discorrer sobre esses fatos e possíveis construções da Psicologia Social trata-se não somente de incluí-la no contexto histórico-científico, mas também, humano com suas virtudes e falhas. A luz do trecho da Obra de Saramago, Ensaio sobre a cegueira, na ciência, seja ela qual for, essa cegueira assimilada pode estar presente. Talvez o fato mais compreensivo é a atenção que o cientista tem quanto as mudanças teóricas, sociais e humanos frente a sua proposta teórica e olhar para além da felicidade individual, e também, econômico, dos louros que sua proposta científica possa trazer, trata-se de olhar para as soluções – estatísticas ou não - dos complexos fenômenos sociais e a hábil promoção do bem estar humano e seus conflitos psicossociais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akoun, A. (1983). A Sociologia. Em: F. Châtelet (org.), A Filosofia das Ciências Sociais: De 1860 aos nossos dias. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Allport, F. H. (1924). Social psychology. Boston: Houghton-Mifflin.

Álvaro, J. L. & Garrido, A. (2007). Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e sociológicas. São Paulo: McGraw-Hill.

Álvaro, J. L. E. (1995). Psicología social: perspectivas teóricas y metodológicas. Madrid: Siglo XXI.

Arendt, R. J. J. (2003). Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. Estudos de Psicologia 8 (1).

Barberis, D. S. (2004). O organismo como modelo para sociedade: A emergência e a queda da sociologia organicista na França fin-de-siècle. In: R. A. Martins; L. A. C. P. Martins; C. C. Silva; J. M. H. FERREIRA (Eds.). Filosofia e historia da ciência no Cone Sul. (pp. 131-136). 3º Encontro Campinas. AFHIC.

Camino, L. (1996). Uma abordagem sociológica ao estudo do comportamento político. Psicologia & Sociedade, 8, 16-42.

Chalmers, A. (1993): O que é Ciência Afinal? São Paulo: Brasiliense.

Chalmers, A. (1994): A fabricação da Ciência. São Paulo: UNESP.

Clemente, M. (1992). Psicologia Social: Métodos y técnicas de investigación. Madrid: Eudema.

Collier, G., Minton, H. L. & Reynolds, G. (1991). Escenarios y tendencias de la psicología social. Editorial tecnos: Madrid.

Deschamps, J. C. (1989). La double référence de la psychologie sociale. Revue Suisse de Psychologie, 48, 3-13.

Doise, W. (2002). Da psicologia social a psicologia societal. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa 18 (1), 27-35.

Dupuy, J-P. (2001). Introdução às ciências sociais: Lógica dos fenômenos colectivos. Lisboa: Instituto Piaget.

Elias, N. (1994). A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

Farr, R. (2004). As raízes da psicologia social moderna. Petrópolis: Vozes.

Feyerabend, Paul. (1977). Contra o método. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Fourez, G. (1995). A construção das Ciências: Introdução à Filosofia e a Ética das Ciências. São Paulo: Ed. Unesp.

Garay, A.; Iñiguez, L. Martínez, L. M. (2006). Perspectivas críticas en psicología social: Herramientas para la construcción de nuevas psicologías sociales. Disponível em <http://antalya.uab.es/liniguez/Materiales/publicaciones.asp>. Consulta realizada em 10 de Julho de 2007.

Gazzaniga, M. S., & Heatherton, T. F. (2005). Ciência Psicológica: Mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed.

Gergen, K. (1973). Social psychology as history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26(2), 309-320.

Gergen, K., & Graumann, C. (1996). Psychological discourse in historical context: An introduction. Em K. Gergen & C. Graumann (Orgs.), *Historical Dimensions of Psychological Discourse* (pp. 1-13). New York: Cambridge

Giddens, A. & Turner, J. (1999). Teoria Social Hoje. São Paulo: Companhia das Letras.

Giddens, A. (1991). As conseqüências da modernidade. São Paulo, Editora UNESP.

Giddens, A. (2005). Sociologia. Porto Alegre: Artmed.

Hewstone, M.; Stroebe, W.; Codol, J. P. & Stephenson, G. M. (1990). Introducción a la psicología social. Una perspectiva europea (pp. 307-339). Barcelona: Ariel.

Iñiguez, L. & Antaki, Ch. (1994). El análisis del discurso en psicología social. *Boletín de Psicología*, 44:57-75.

Iñiguez, L. (2000). Psicología social como crítica. Emergencias de y confrontaciones con la Psicología Social, académicamente definida en 2000. En A. Ovejero (Ed.) *La psicología social en España al filo del año 2000: balance y perspectivas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 139-157

Jacinto, L.. G. & Ortiz, M. C. (1997). Psicología social. Madrid: Pirâmide.

Kneller, G. F. (1980). A Ciência como Atividade Humana. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP.

Latour, B. & Woogar, S. (1997). Vida em laboratório: A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Latour, B. (2000). Ciência em ação. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo:

Lemert, C. (2000). Pós-modernismo não é o que você pensa. São Paulo, Edições Loyola.

Lyotard, J-F. (2000/1979), A condição pós-moderna. Rio de Janeiro, José Olympio.

Manicas, P. T. & Secord, P. F. (1983). Implications for psychology of the new Philosophy of Science. American Psychologist, 38, 399-413

Morales, J. F.(1994). Psicología Social. Madrid: McGraw-Hill.

Moscovici, S. (1985). Introducción: el campo de la psicología social. In S. Moscovici (Org.), Psicología Social (vol. 1, pp. 17-37). Barcelona: Paidós.

Munné, F. (1996). La construccion de la psicologia social com ciência teórica. Barcelona: PPU

Omnès, R. (1996). Filosofia da ciência contemporânea. São Paulo: Unesp

Outhwaite, W. & Bottomore, T. (1996). Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Ovejero, A. (1999). Psicología social postmoderna emancipadora: Entre la psicología crítica y el postmodernismo. Disponível em <http://www.psyco.uniovi.es/REIPS/v1n1/articulo2.html>. Consulta realizada em 15 de Agosto de 2007

Ovejero, A. (2000). La nueva psicología social y la actual postmodernidad. Raíces, constitución y desarrollo histórico. Oviedo: Universidad de Oviedo.

Penna, A. G. (1975). O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago.

Penna, A. G. (1997). Repensando a Psicologia. Rio de Janeiro: Imago.

Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). Personalidade : teoria e pesquisa . Porto Alegre: Artmed.

Prigogine, I. & Stengers, I. (1987). A Nova Aliança. Gradiva: Lisboa.

Prigogine, I. & Stengers, I. (1992). Entre o tempo e a eternidade. São Paulo: Companhia das Letras.

Prigogine, I. (1996). O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP.

Rovighi, S. V. (1999). Historia da filosofia contemporânea: Do século XIX à neoescolástica. São Paulo: Loyola.

Santos, B. S. (1999). Um discurso sobre as ciências. Porto: Afrontamento. 11^a edição.

Torregrosa, J.R. (1984). Perspectivas y contextos de la psicología social. Espanha: Editorial Hispano Europea

Vala, J. (1993). Psicologia Social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vargas, E. V. (2000). Antes Tarde do que Nunca: Gabriel Tarde e a emergência das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.